

PRESENÇA DE KANT NO PANORAMA FILOSÓFICO PORTUGUÊS

Ao falar sobre a *presença de Kant no panorama filosófico português*, proponho-me fazer inicialmente uma referência geral à presença da filosofia kantiana no decurso das ideias da tradição filosófica portuguesa, a nível da reflexão e investigação, em geral, e também a nível do ensino; num segundo ponto, destacarei dois momentos de mais claro debate e influência do criticismo kantiano em Portugal, a partir da segunda metade do séc. XIX, com referência a alguns autores em particular. Digo “em Portugal”, no sentido geográfico, pois a expressão “em português” incluiria o Brasil, que também se expressa em português, e desenvolve algumas características específicas que não serão aqui abordadas.¹

Tomando como referência a afirmação de Hegel, que reconhece na obra de Kant “a base e o ponto de partida da filosofia moderna”, uma primeira observação geral se impõe, relativamente à tradição filosófica portuguesa: a “filosofia moderna” que Hegel refere, de matriz fundamentalmente especulativa, só muito tardiamente se instala no panorama filosófico português, tendo em conta a prática da investigação e do ensino da filosofia em Portugal. Digamos que só em meados do séc. XX o conjunto das disciplinas teóricas da filosofia passou a fazer parte integrante dos programas curriculares do ensino e do estudo da filosofia nas universidades, criando assim o espaço e a disponibilidade mental para o estudo mais atento e aprofundado da “revolução” do criticismo kantiano; a partir daí, surgirá a necessidade e a urgência do recurso aos textos originais de Kant, inicialmente em colectâneas de textos seleccionados, com textos de apoio ao ensino, e, posteriormente, na tradução para

1 Alguns estudos de referência: António Paim - “Kantismo no Brasil”, in *Logos - Enc. Luso-Brasileira de Filosofia*. Vol. 3. Lisboa: Verbo, 1991, p. 148. Miguel Reale - “A filosofia alemã no Brasil”. *Revista Brasileira de Filosofia*, vol. 24, fasc. 93, 1974. Miguel Reale - “A doutrina de Kant no Brasil”, *Revista dos Tribunais*, São Paulo, 1949.

português das principais obras do filósofo. É a partir da década de oitenta que são publicadas em Portugal as traduções das principais obras de Kant.² Explicações para esta situação? Por um lado, o pendor pouco especulativo e sistemático, predominantemente prático, na tradição do pensamento português, com algumas raras exceções; entre estas exceções lembro o caso do aristotelismo da Escolástica renovada do Renascimento, que teve no célebre *Curso Conimbricense*, produzido pelos professores Jesuítas do Colégio das Artes em Coimbra, e na obra de Pedro da Fonseca (lembrar os 4 volumes dos seus *Comentários à Metafísica de Aristóteles*) os principais expoentes, conhecidos a nível da Europa da época. Por outro lado, a partir da segunda metade do séc. XVIII, instaura-se, com a reforma pombalina, a prática da filosofia no âmbito das ciências naturais e do experimentalismo que presidiu a essa reforma, de tal modo que ainda na primeira metade do séc. XX, no contexto do ensino da filosofia do ensino secundário, a filosofia continuava a ser avaliada pelo seu valor ou efeito prático, mais do que pela dimensão fundante e fundamentadora do seu contributo para o saber e para a formação humana em geral. No entanto, é conveniente lembrar o facto de se ter mantido uma linha de continuidade da Escolástica e do aristotelismo na formação clerical praticada nos Seminários, fortemente renovada com o neotomismo no início do séc. XX, e que não deixou de influenciar a concepção e a prática da filosofia em geral.

1. KANT NA TRADIÇÃO FILOSÓFICA PORTUGUESA

Na primeira metade do **séc. XIX**, Kant é mencionado, desde os primeiros anos, mas “talvez não seja ousado afirmar que *Kant é rejeitado* (com excepção da Filosofia do Direito) *antes de ser, verdadeiramente, estudado*”, usando as palavras do eminente estudioso da Filosofia em Portugal, Francisco da Gama Caeiro³. Como exemplo desta atitude de rejeição e de desapareço por Kant, é sintomática a posição de Silvestre Pinheiro Ferreira. É este um autor de primeiro plano no contexto português da primeira metade do século, que realizou um notável trabalho de projecção filosófica, de reconhecida influência na construção do Estado liberal e na pedagogia nacional. Na vasta e diversificada obra que produziu —na Ontologia, na Psicologia, no Direito—,

² Na *Revista Portuguesa de Filosofia*, 44 (1988) 559-566, são indicadas 32 traduções “em português”, incluindo as edições publicadas no Brasil. Convém acrescentar que era (e ainda é) bastante reduzida a divulgação e utilização em Portugal das traduções “brasileiras”.

³ Francisco da Gama Caeiro - “Nota acerca da recepção de Kant no pensamento filosófico português”, in idem - *Dispersos*. Vol. II, Lisboa, INCM, 1999, pp. 200.

contribuiu decisivamente para a restauração da filosofia dos grandes autores, “reabilitando” Aristóteles, e seguindo e divulgando Bacon, Leibniz, Locke e Condillac. As frequentes alusões a Kant vão sempre na linha da crítica e da refutação ao idealismo alemão, chegando mesmo a apodá-lo de “tenebroso barbarismo dos Heraclitos da Alemanha”.⁴ Outra expressão da opinião generalizada sobre o significado de Kant e da sua filosofia, já na segunda metade do século, é o modo como é apresentado na primeira *História da Filosofia em Portugal*, obra de divulgação filosófica, publicada em 1868, por J. J. Lopes Praça, bacharel em Direito: “O abismo aberto entre a Crítica da razão teórica e a razão prática, a terminologia bárbara e escura de que ele se serviu e finalmente, o ele não admitir que as concepções do nosso entendimento tenham realidade objectiva, são os defeitos capitais da Filosofia de Kant”⁵, afirma o autor, depois de uma breve apresentação das duas *Críticas*, da razão pura e da razão prática, que manifestam um conhecimento demasiado superficial e incorrecto do seu conteúdo inovador. A revolução liberal das décadas de vinte e de trinta do mesmo séc. XIX não foi acompanhada por uma reflexão crítica, que teria na filosofia de Kant uma fecunda fonte de inspiração e de suporte crítico. A verdade é que o cultivo da filosofia no ensino público não teve melhor acolhimento do que no período da reforma pombalina, no século anterior. O liberalismo continuava a considerar a formação filosófica hostil ao seu espírito libertador, não lhe sendo reconhecida qualquer utilidade prática. Nesta conjuntura cultural, é natural que o pensamento de Kant não seja objecto de particular interesse no estudo e na divulgação filosófica. Como ficou sugerido acima (em citação de F. Gama Caeiro), foi na Filosofia do Direito, através do krausismo, que mais se fez sentir a influência de Kant, desde meados do séc. XIX. A importância do krausismo português tem sido afirmada pelos investigadores, como “tendo exercido um significativo influxo na vida cultural portuguesa do terceiro quartel de oitocentos e marcado, de forma relevante, o nosso ensino público até quase ao final do século”.⁶ O krausismo que surge no domínio da filosofia jurídica, no curso de Direito da Universidade de Coimbra, introduz alterações profundas no âmbito da filosofia, particularmente pela visão espiritualista da antropologia filosófica que é apresentada como pressuposto necessário da problemática filosófica do Direito. Nesta filosofia se cruzam as questões da liberdade e do agir humano, na interrelação entre Direito e ética, direitos naturais e exercício da liberdade

4 Cit. em F. Gama Caeiro, art. cit., p. 204.

5 J. J. Lopes Praça - *História da Filosofia em Portugal*. Ed. preparada por Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1974, p. 295.

6 António Braz Teixeira - “Raízes krausistas do pensamento de Antero”, in *Congresso Anteriano Internacional - Actas*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1993, p. 778.

individual... As posições defendidas, relativamente às doutrinas do individualismo liberal e do socialismo, recebem do espiritualismo de Krause um influxo decisivo na reflexão filosófica que tem como impulso original a “filosofia do direito”, e por aí atingiu a vida cultural portuguesa, em geral.⁷ Entre os vários autores que protagonizaram esta reflexão e divulgação, a partir da frequência do curso de Direito, em Coimbra, sobressai a figura de Antero de Quental. **Antero de Quental** (1842-1891) foi poeta-filósofo, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, e líder intelectual da célebre *Geração de 70*, que teve em Portugal um papel relevante na revisão crítica do projecto de sociedade emanado da revolução liberal das décadas anteriores. Influenciado pelos “ventos revolucionários” que chegavam do centro da Europa, pelos movimentos de ideias socialistas e de novas correntes literárias e filosóficas, o grupo da Geração de 70 idealizou um país renovado pelos novos ideais de democracia e de justiça social, alicerçados numa nova consciência da dignidade e do dinamismo do espírito humano. As bases da filosofia social que Antero conheceu no curso de Direito mergulhavam no pensamento de Krause e de Proudhon, e receberam das suas leituras complementos indispensáveis, particularmente fecundos, pelo idealismo filosófico do sistema hegeliano. Proudhon será objecto de aprofundamento posterior, base de investigação para vários projectos malogrados de elaboração de obras escritas no domínio do sócio-político e do fenómeno religioso, com a fundamentação necessária à natureza psíquica do homem.⁸

O temperamento profundamente inquieto e reflexivo de Antero orientou o seu autodidactismo filosófico para o domínio das questões metafísicas, associadas às exigências do saber e da moral, e que se desenvolvem no plano especulativo numa ontognoseologia de teor espiritualista e numa visão moral que aponta a santidade como suprema realização da liberdade. A sua obra filosófica, “a minha filosofia” a que se refere em várias ocasiões nos últimos anos da sua vida, não passou de projecto, apenas sugerido em esquemas e rascunhos de anotações e em alguns aspectos do texto mais elaborado *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX* (1890)⁹. É neste texto, complementado com outras informações dispersas na sua correspondência,¹⁰ que encontramos o eco do papel desempenhado pelo pen-

7 A presença do krausismo fez-se sentir também nos manuais do ensino de filosofia no secundário, refere A. Braz Teixeira - “Krausismo em Portugal”, in *Logos - Enc. Luso-Brasileira de Filosofia*. Vol. 3. Lisboa, Verbo, 1991, cf. p. 198.

8 Cf. Joel Serrão - *Antero e a ruína do seu Programa (1871-1875)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.

9 Antero de Quental - *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX*. Apres. e com. de Leonel Ribeiro dos Santos. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

10 Antero de Quental - *Cartas. III*. Lisboa: Ed. Comunicação / Univ. dos Açores, 1989.

samento de Kant na resolução das antinomias geradas pelo conflito entre o determinismo científico e a voz da liberdade na consciência ou entre a razão e a experiência, o pensamento e a realidade; a referência a Kant significa ainda, e principalmente, para Antero, a renovação do velho espiritualismo, garantindo-lhe não apenas a base indutiva dos novos factos, mas assegurando também a demonstração categórica ou o carácter de evidência da realidade do espírito na espontaneidade da consciência e na espiritualidade do universo.¹¹ Com estes dados fica identificada para Antero a tendência fundamental da filosofia europeia no final do século XIX, como afirma em carta de Setembro de 1888: “A aliança do kantismo com o espiritualismo, ou, antes, a profunda renovação deste por aquele, parece-me o facto mais considerável do pensamento filosófico dos últimos anos”.¹² O próprio Antero situa, assim, o lugar de Kant no seu próprio processo de compreensão e explicação da realidade: o renovado criticismo kantiano, através da “volta a Kant” (o *zurück nach Kant* do neokantismo) de meados do séc. XIX, prepara a formidável síntese do novo espiritualismo, que Antero intuía e via assim confirmada numa das expressões mais recentes da filosofia. Não se trata, portanto, em Antero de Quental, de um debate ou análise profunda do sistema transcendental kantiano, a partir de estudo aturado da sua obra e do confronto com as suas próprias ideias. É, antes, expressão da vasta e actualizada informação filosófica de Antero sobre as “tendências gerais” da filosofia do seu tempo, superiormente aplicada à explicitação e ao desenvolvimento das suas intuições poético-filosóficas, alimentadas ainda por boa dose de misticismo. Adquire, deste modo, *uma dimensão preponderantemente cultural*, enquadrando-se

11 A título de exemplo, algumas passagens de *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX* podem ilustrar a sua posição:

“Kant representa na filosofia moderna um papel muito análogo ao de Sócrates na filosofia antiga. Ao conceptualismo de um corresponde o criticismo do outro. (...) O criticismo de Kant está muito longe de ser simplesmente uma nova forma de cepticismo, como pareceu e parece ainda hoje a muita gente. Não o era na sua intenção e muito menos ainda o é de facto. Nem tão-pouco vai de encontro às tendências metafísicas do pensamento moderno: pelo contrário, submetendo-as a uma verificação rigorosa depura-as e firma-as; sondando a razão nos seus últimos elementos, amplia-as e é, tudo bem considerado, um passo mais no sentido dessas mesmas tendências.” (ed. cit., p. 65-66).

Antero aponta como um dos “dois factos mais consideráveis da história da filosofia na Segunda metade do século actual [XIX]” (...) “a transformação ou antes visceral renovação do caduco espiritualismo, retemperado no criticismo kantiano e numa psicologia de tendências verdadeiramente científicas.” (ib., p. 85-86) “O influxo do kantismo é bem sensível em todo este processo de dissolução do velho espiritualismo. É o seu subjectivismo e a sua inexorável análise que deitam abaixo, como pulverizado, o realismo dogmático em que se apoiavam as substâncias e os princípios dos novos escolásticos. Todas essas entidades fantásticas são reduzidas a um facto único, a uma única realidade: a consciência.” (ib., p. 96-97)

12 Antero de Quental - *Cartas - II*, ed. cit., p. 900.

bem em certa tradição filosófica nacional, mais identificada pelas intuições e projectos do que pelas elaborações aturadas e sistemáticas. Será provavelmente esta característica da dimensão filosófica da obra de Antero, incluindo o aspecto particular da “volta a Kant”, que explica um certo fascínio que este autor tem despertado nos meios intelectuais, ao longo do séc. XX. Em relação à referida rejeição de Kant na primeira metade do séc. XIX, a posição de Antero é sintoma de *uma mudança que predispõe à aceitação*.¹³ Veremos adiante alguns casos individuais de debate especulativo mais aprofundado.

Com a passagem ao **séc. XX**, as grandes mudanças sócio-políticas com a implantação da República em 1910 e o longo período de instabilidade que se seguiu, trouxeram também sucessivas alterações na organização e nos programas do ensino, em geral, e no ensino da filosofia, em particular, tanto a nível do ensino superior como a nível do ensino secundário. Na 1.ª metade do século, e no que diz respeito à *presença de Kant na Universidade*, o panorama é pouco animador, de acordo com o estudo do citado investigador F. Gama Caeiro: “O balanço, contudo, a avaliar pelo levantamento bibliográfico do período, nas revistas especializadas de Cultura, não deixa de ser decepcionante”.¹⁴ Não passará certamente de simples referência histórica, na área da Filosofia Moderna e da Teoria do Conhecimento, mas sem expressões relevantes, particularmente a partir das reformas da década de vinte, que marcam a orientação política e ideológica do Estado Novo. A independência e autonomia do ensino filosófico sofreram fortes restrições.

Esta mesma situação reflecte-se no *ensino secundário*, na escassez de professores qualificados, e na qualidade dos manuais nacionais de maior circulação. O manual era mais importante que o programa¹⁵, limitando, portanto, o papel pedagógico do professor na realização da especificidade da atitude e do saber filosófico; chega mesmo a ser decretado um livro único, entre 1950 e 1956, apesar das alterações introduzidas nos programas oficiais.¹⁶ Em estu-

13 Com referência a Antero de Quental e a Manuel Ferreira Deusdado, podemos referir entre outros testemunhos da época o de Moniz Barreto, de 1888, in Moniz Barreto. *Sel. e pref. de Manuel de Seabra*. Lisboa: Edições Panorama S.N.I., 1963, cf. p. 99-104, em artigo sobre “Filosofia portuguesa”: “É ainda o espírito quase isolado, que representa entre nós uma grande direcção da filosofia moderna - a escola crítica” (p. 101) e “As pessoas mesmo medianamente versadas nos estudos filosóficos sabem que no fim do século passado uma revolução profunda foi operada no campo da especulação por um pensador germânico chamado Kant” (p.102).

14 Art. cit., p. 225.

15 Alguns temas dos exames nacionais correspondiam mais aos manuais usados do que ao programa oficial.

16 Eugénio Aresta - *Noções de Filosofia*, editado por volta de 1930 (1.ª ed., s.d.; 2.ª ed., 1931), e que em 1964 teve a 11.ª ed.

17 J. Trindade dos Santos - *Da Filosofia no Liceu*. Lisboa: Seara Nova, 1974, p. 82.

do realizado sobre a *Filosofia no Liceu*, a opinião do autor é clara: “os manuais portugueses são maus”¹⁷, e, sobre um manual muito utilizado nas primeiras décadas, exemplifica as “graves lacunas na cultura filosófica do autor”, precisamente com a filosofia kantiana sobre o tema do conhecimento, onde “a parcialidade e a intenção apologética combinam-se com uma lamentável ignorância de Kant, assumida porém de um modo radicalmente definitivo”.¹⁸ A moral constituía tema obrigatório do programa, quer como capítulo autónomo, quer integrado nas relações da psicologia com alguns problemas filosóficos, no entanto, a perspectiva kantiana não era objecto de particular aprofundamento no desenvolvimento destes temas.

No final da **década de 50**, “a reforma de 1957 veio traduzir uma inflexão em novo sentido do trabalho filosófico nas faculdades de letras, com a autonomia do âmbito e a especialização dos estudos, (...) estimulando maior número de estudiosos a inquirição directa, haurida nos próprios textos originais, do filósofo alemão”.¹⁹ Entrou-se, de facto, em nova fase no *estudo da filosofia kantiana na universidade*. A produção académica progrediu consideravelmente, em parte como pressuposto dos estudos sobre a corrente da fenomenologia, que teve nas décadas de 50 e de 60 um forte desenvolvimento²⁰, mas de modo particular pelo magistério filosófico do Professor espanhol Oswaldo Market, professor regular na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa de 1963 a 1976, que deixou “profundo sulco no perfil filosófico” da Escola, como verdadeiro mestre da arte de pensar, gerando um numeroso grupo de discípulos e marcando decisivamente a afirmação do pensamento alemão, com destaque para Kant.²¹ Posteriormente, sobretudo na década de 80, é feita a tradução e publicação em Portugal das principais obras do filósofo.²² Nas décadas de 80 e de 90, realizaram-se ainda vários colóquios, a propósito dos centenários da publicação das *Críticas* e outras obras de Kant,

18 lb., p. 94.

19 F. Gama Caeiro, art. cit., p. 225.

20 São de mencionar os nomes de Júlio Fragata, Gustavo de Fraga e Alexandre Morujão.

21 *Dinâmica do Pensar - Homenagem a Oswaldo Market*. Lisboa: FLUL, Dep. de Filosofia, 1991, cf. p. VII-IX.

22 Indicação, não exaustiva, das traduções publicadas em Portugal: *Fundamentação da metafísica dos costumes* - 1960; *Ideia de uma História Universal de um ponto de vista cosmopolita* - 1969; *Conceito da filosofia em geral* - 1972; *Prolegómenos a toda a metafísica futura* - 1982; *Textos Pré-críticos* - 1983; *Crítica da Razão Prática* - 1984; *Resposta à pergunta: o que são as luzes?* - 1984; *Crítica da Razão Pura* - 1985; *Os Progressos da Metafísica* - 1985; *Dissertação de 1770 e Carta a Marcus Herz* - 1985; *A Paz Perpétua e outros opúsculos* - 1988; *Informação acerca dos seus cursos no semestre de inverno de 1765-1766* - 1988; *Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza* - 1990; *Crítica da Faculdade do Juízo* - 1992; *A Religião nos limites da simples Razão* - 1992; *O Conflito das Faculdades* - 1993; *Teoria do Céu* - 2004.

com a publicação das respectivas Actas,²³ tendo também sido publicados vários artigos e números especiais de revistas da especialidade.²⁴ Nesta enumeração (que não pretende, de modo algum, ser exaustiva), não pode ser omitida a referência a pelo menos três teses de doutoramento:²⁵ António Marques, na Universidade Nova de Lisboa, em 1984 – “Organismo e sistema em Kant. Ensaio sobre o sistema crítico kantiano”²⁶; Leonel Ribeiro dos Santos, na Universidade de Lisboa, em 1989 – “Metáforas da Razão ou Economia Poética do pensar kantiano”²⁷; Viriato Soromenho Marques, na Universidade de Lisboa, em 1991 – “Razão e Progresso na Filosofia de Kant”²⁸.

No ensino secundário, os efeitos deste novo dinamismo na Universidade fizeram-se sentir ao longo da década de 60, com os professores a exigirem a reforma do programa que remontava ao ano de 1948, com pequenas alterações em 1954. O recurso mais frequente a antologias de textos supria as deficiências dos manuais; essa orientação acentua-se a partir dos anos 74/75 (ano da “revolução dos cravos”), ano em que uma colectânea de textos de apoio, organizada pela Comissão Coordenadora dos Textos de Apoio do Ministério da Educação, dedicava 52 páginas a Kant (selecção de textos muito variados). Com o novo programa de 1979/80, que tem como fio condutor a “dialéctica da acção e do conhecimento”, os textos de apoio dedicam largo espaço à filosofia kantiana, apresentada com rigor, e seguindo a orientação geral de conduzir ao estudo directo dos autores. É neste contexto que começam a ser editadas algumas colecções de traduções de obras filosóficas,

23 J. Barata-Moura - Kant - *Comunicações apresentadas ao colóquio “Kant”*, organizado pelo Departamento de Filosofia, em 25/11/1981. Lisboa: Univ. Lisboa - Faculdade de Letras, 1982. *Religião, História e Razão da Aufklärung ao Romantismo - Colóquio comemorativo dos 200 anos da publicação de A Religião nos limites da simples Razão de I. Kant*. Lisboa: Ed. Colibri, 1994.

24 A título de exemplo: *Revista Portuguesa de Filosofia*: - vol. 37, fasc. 3, 1981 (*Kant - 200 anos da Crítica da Razão Pura*); - vol. 44, fasc. 4, 1988 (*Crítica da Razão Prática de Kant - 200.º aniversário*); - vol. 49, fasc. 4, 1993 (*No 2.º centenário da obra de I. Kant: A Religião nos Limites da Simples Razão*). Filosofia, Lisboa, n. 1, 1985. Com a mesma orientação: AA.VV. - *Recepção da Crítica da Razão Pura - Antologia de escritos sobre Kant (1786-1844)*. Coord. de Fernando Gil, pref. de Oswaldo Market. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.

25 *Perfil da Investigação Científica em Portugal - Filosofia*. Coord. de Fernando Gil. Lisboa: FCT - Observatório das Ciências e das Tecnologias, 1999, cf. pp. 254-255.

26 António Marques - *Organismo e Sistema em Kant. Ensaio sobre o sistema crítico kantiano*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

27 Leonel Ribeiro dos Santos - *Metáforas da Razão ou Economia Poética do Pensar Kantiano*. Lisboa: F. C. Gulbenkian / JNICT, 1994. Leonel Ribeiro dos Santos - *A Razão Sensível. Estudos Kantianos*. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

28 Viriato Soromenho Marques - *Razão e Progresso na Filosofia de Kant*. Lisboa: Ed. Colibri / CFUL, 1998. Viriato Soromenho Marques - *História e Política no Pensamento de Kant*. Mem Martins: Europa-América, 1995.

entre as quais se encontram várias das traduções de Kant acima referidas. A reformulação do programa, em 1990/91, organizada por temas, apresenta a Introdução à Filosofia como “um programa de filosofia a fazer”,²⁹ com relevo para a rubrica inicial “Do vivido ao pensado”, e reconhecendo ao professor maior criatividade e autonomia, no sentido de suprir a dependência do manual na realização do programa; para o 12.º ano (ano vestibular, último do secundário), a grande novidade está na estrutura temática, que se concretiza na escolha de 3 obras de autores da história da filosofia, a escolher entre as 22 seleccionadas, distribuídas pelas 4 épocas cronológicas da história da filosofia. Kant faz parte dessa lista, com o texto *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. É a consagração do princípio da formação filosófica a partir da leitura integral, interpretação e comentário do texto filosófico, com margem para a definição dum percurso a realizar, sem a dependência do manual. Não possuo dados globais sobre a escolha do texto de Kant a nível nacional, no entanto, o testemunho de alguns casos individuais aponta para a *presença habitual de Kant* no ensino actual da *Filosofia* no secundário.³⁰

2. A PRESENÇA DE KANT NA OBRA DE ALGUNS AUTORES PORTUGUESES

Depois deste panorama geral sobre a presença de Kant no decurso das ideias da tradição filosófica, na sua relação com a cultura e com o ensino, farei agora uma breve referência a alguns casos individuais de pensadores que se destacaram, no seu tempo, pela particular acuidade com que debateram o pensamento de Kant, sem, no entanto, os podermos apelidar de kantianos ou seguidores do filósofo alemão. No final do séc. XIX e começos do séc. XX, dois nomes merecem a nossa atenção, para além de Antero de Quental acima apresentado: José Maria da Cunha Seixas e José Pereira Sampaio (Bruno); na primeira metade do séc. XX, dois outros pensadores se debateram, a seu modo, com o legado filosófico de Kant: Leonardo Coimbra e António Sérgio.

29 Cf. Alfredo Dinis - “Novo projecto de programa de Introdução à Filosofia - Uma Leitura”. *Revista Brotéria*, 133 (1991) 227-236.

30 Marcial Rodrigues - “Os actores e as máscaras”, in *Os Actuais Programas de Filosofia do Secundário - Balanço e perspectivas*. Coord. de F. Henriques e M. B. Almeida. Lisboa: Centro de Filosofia da UL, 1998, pp. 273-282, refere a sua escolha habitual do texto de Kant, afirmando a sua actualidade: “A leitura de Kant é terreno fértil para a análise de problemáticas do tempo em que vivemos” (p. 281). Cf. pp. 329-355.

José Maria da Cunha Seixas (1836-1895), autor bastante esquecido nos nossos meios académicos, elaborou o vasto plano de um sistema filosófico a que chamou *pantiteísmo*,³¹ que pretendia realizar uma nova síntese universal de todas e de cada uma das ciências, e síntese também de tudo o que entendia ser aceitável noutros sistemas filosóficos; esta nova síntese pantiteísta constituía a base do espiritualismo contemporâneo. A presença de Kant é constante nos seus escritos, a par da referência e da discussão das doutrinas krausistas. Cunha Seixas considerava-se um fiel continuador de Kant, e dedica-lhe algumas páginas de particular interesse,³² como, por exemplo, na análise dos princípios, juízos e categorias do entendimento, expondo as objecções que as suas sínteses pantiteístas solucionavam. Mais adiante, aponta os receios, as lacunas e os abismos das sínteses kantianas, contrapondo-lhe as suas próprias sínteses: “Na nossa filosofia [pantiteísta] não há esses receios, nem aparecem tais lacunas e abismos tudo marcha serenamente de bases seguras para outros páramos, aos quais se ascende naturalmente e sem os enormes erros de Kant.”³³

José Pereira Sampaio (Bruno),³⁴ (1857-1915), jornalista/publicista, é um autor complexo, não só pelo estilo e dimensão da sua obra, mas sobretudo pela sua concepção de filosofia —uma “filosofia da razão e do mistério”—, que tem como ponto de partida e como tema central o problema do mal. Numa visão que integra a racionalidade científica, a racionalidade metafísica e a racionalidade religioso-teológica, o equacionamento do mal leva-o a confrontar-se com toda a tradição do pensamento filosófico ocidental, a um nível especulativo sem paralelo no panorama da tradição filosófica portuguesa. Em coerência com a verificação da existência real do mal, realidade ontológica e de necessidade metafísica, Sampaio Bruno terá de rever as explicações tradicionais do mal e os seus fundamentos metafísicos, chegando à identificação de uma dimensão místico-messiânica da eliminação do mal na história, núcleo

31 J. M. da Cunha Seixas - *Princípios Gerais de Filosofia e outras obras filosóficas*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1995, p. 499: “Pantiteísmo etimologicamente significa Deus em tudo. Cientificamente é o sistema, que, formando a conjunção de todas as ciências e exibindo as determinações destas na permanência de seus princípios e na evolução infinda, que lhes compete, exhibe uma síntese harmónica de leis universais sob a unidade do absoluto.”

Distingue-se do pantéismo (“tudo é Deus”), de Spinoza por exemplo, e do panenteísmo de Krause (“tudo está em Deus”).

32 lb., cf. pp. 395-403.

33 lb., p. 449.

34 Desde cedo, nas suas primeiras publicações, uso o pseudónimo Bruno, em homenagem ao mártir da liberdade das ideias Giordano Bruno. É habitualmente conhecido e citado como Sampaio Bruno.

central do seu “misticismo idealista”. Para chegar a esta explicação e solução do mal, de forma coerente e fundamentada, o mal só é pensável enquanto se situa no plano do “mistério”, mas nem por isso se deve considerar inacessível à razão, pois a verdadeira natureza do conhecimento é de origem gnóstica.

O debate com Kant, e a influência deste na sua especulação gnoseológica e metafísica, desenvolve-se particularmente no domínio da estética e dos conceitos metafísicos. No campo da estética, Sampaio Bruno questiona em Kant o entendimento do arte como “ideia estética”, e prossegue o debate na sua concepção da criação artística como sendo de carácter essencialmente místico-revelado.³⁵ Mas é, sobretudo, em *A Ideia de Deus*, a sua mais importante obra especulativa, nos capítulos sobre “contingente e necessário”, “infinito e perfeito”,³⁶ que Sampaio Bruno manifesta um profundo conhecimento da filosofia kantiana. É à luz do pensamento de Kant que Sampaio Bruno discute os princípios metafísicos da “contingência” e da “necessidade”, mas distanciando-se do autor das *Críticas* ao afirmar a necessidade metafísica do mundo, como “necessidade derivada” ou “condicionada”, e rejeitando assim a afirmação da “contingência metafísica do mundo”, veiculada pela tradição da metafísica clássica; igualmente defende a prioridade do princípio de “causalidade” na explicação da “ordem” do mundo, afirmando a impossibilidade da “finalidade” metafísica do mundo. A especulação metafísica de Sampaio Bruno elabora uma concepção de Deus muito peculiar, a de um Deus não onnipotente, diminuído por efeito de um mistério indecifrável da diferenciação, no qual se situa a origem do mal, dum “mal real e necessário” que assim se dá também originariamente no seio do próprio Deus ou espírito homogéneo e puro. Convém acrescentar, por mais abreviado que seja, que a solução ou supressão do mal se situa ainda no horizonte deste Deus diminuído, que “aspira a regressar ao homogéneo inicial”,³⁷ dando corpo a um messianismo do espírito ou “misticismo idealista”, como Sampaio Bruno identificava o seu próprio pensamento. Neste caso muito particular da especulação metafísica em Portugal, em debate com toda a tradição metafísica do pensamento ocidental, cumpre assinalar a forte presença e influência de Kant, aceitando ou rejeitando a argumentação e as posições da filosofia transcendental, haurida e discutida a partir das obras do filósofo de Königsberg, e sempre de acordo com a coerência e autonomia do pensamento original do autor português.³⁸

35 Em trabalho recente de doutoramento, Afonso Rocha - “O Mal no Pensamento de Sampaio (Bruno): Da antropologia à metafísica, uma filosofia da razão e do mistério”. Braga: Faculdade de Filosofia, 2003 [Tese de doutoramento], analisa em pormenor esta posição de Sampaio Bruno - cf. pp. 335-372.

36 Bruno - *A Ideia de Deus*. Porto: Livraria Chardron, 1902, pp. 217-290 e 291-399.

37 *Ib.*, p. 460.

Leonardo Coimbra (1883-1936) move-se no domínio do saber filosófico com bases de formação científica. A referência a Kant é uma constante ao longo da sua obra, em atitude de admiração e de fortes críticas, mas sempre a partir de profundo conhecimento e meditação, e em confronto com o seu próprio pensamento filosófico. A tese de concurso para professor de filosofia no Curso de Letras da Universidade de Lisboa, em 1912,³⁹ apresentava o *criacionismo* como conceito central do esboço de sistema e de método filosófico por ele concebido.

A filosofia criacionista de Leonardo Coimbra define-se como reflexão do pensamento sobre si mesmo, a partir do conhecimento científico e da própria vida em ação moral e artística, sempre em processo dinâmico dialéctico que busca novas sínteses, cada vez mais amplas e abrangentes. A ciência é a base indispensável, mas constitui também um dos perigos ou “vícios” que ameaçam o próprio pensamento. Trata-se do vício do “coisismo”, segundo Leonardo Coimbra. O vício do “coisismo” consiste fundamentalmente na tendência a imobilizar o pensamento, pelo carácter definitivo e inibidor que é atribuído tanto a expressões do senso comum, como, particularmente, às “noções” ou resultados científicos obtidos em cada uma das ciências particulares, como ainda nos sistemas ou correntes de pensamento da história da filosofia. A filosofia criacionista define-se essencialmente como superadora destes “coisismos”. Leonardo Coimbra procura demarcar-se com clareza desses “vícios”.

Kant é um dos autores que Leonardo aborda e critica. Nas páginas dedicadas ao kantismo, são apontados os “diferentes níveis em que Kant coisa”⁴⁰, ou incorre no vício “coisista” —na cisão entre a razão teórica e a razão prática, nas condições da experiência e nas características das faculdades, na compreensão do espaço e do tempo, na forma dos juízos e suas funções, na possibilidade duma absoluta Experiência que não existe, nas formas da razão prática e da razão teórica... A esta enumeração, brevemente comentada por Leonardo, segue-se a afirmação inequívoca do profundo conhecimento e admiração pelo legado de Kant: “Se o kantismo é ainda cheio de vícios coisistas, ele é o maior avanço do pensamento humano, iconoclasta e livre. É uma exuberante afir-

38 Kant é um dos principais autores da história da filosofia moderna que influencia Sampaio Bruno, e que melhor caracteriza a original capacidade especulativa de Sampaio Bruno, como fica bem documentado no estudo de Afonso Rocha, acima citado.

39 Leonardo Coimbra - *O Criacionismo*. Porto: Renascença Portuguesa, 1912.

40 Leonardo Coimbra - *O Ciacionismo (Síntese Filosófica)*. Porto, Livraria Tavares Martins, 1958, p. 44.

mação da actividade psíquica, inerente a todo o conhecimento. (...) ele achou a única fonte de moral verdadeira —a vontade autónoma.”⁴¹

Para além de frequentes referências a Kant nas obras posteriores de Leonardo, são muito significativas as páginas que lhe dedica na última obra que escreveu (no ano anterior ao da sua morte trágica), *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, de 1935, que corresponde à fase antropológica da sua filosofia. A exemplo da primeira obra (*O Criacionismo*, de 1912), na fase da filosofia criacionista, mais voltada para a epistemologia, a admiração e o louvor associam-se à crítica severa que lhe dedica, ao fazer a análise do “humanismo antropolátrico” que os tempos modernos produziram. No processo de formação do antropolatrismo moderno, reflexo directo do movimento cientista, Kant desempenha um papel fulcral. Sem deixar de reconhecer que “o maior pensador na linha do pensamento moderno é Kant”,⁴² a crítica de Leonardo Coimbra vai na linha das observações finais que lhe dedica: “O kantismo é, pois, um formidável, um grandioso equívoco. (...) Porque um falso absoluto foi o ponto de partida, é um integral relativismo o ponto de chegada.”⁴³ A explicação do conhecimento e a concepção errónea da ciência, acrescidas do voluntarismo que o imperativo do dever exigia, levaram Kant ao “relativismo humanista, ao homem como medida do ser cognoscível”,⁴⁴ que progride, imparável, como tendência, na época contemporânea.

António Sérgio (1883-1969), figura de grande relevo na primeira metade do século XX, uma espécie de símbolo do livre-pensador, é um estudioso de Kant. Na sua actividade de pedagogo e de ensaísta, a filosofia tinha para ele o carácter de um instrumento útil e necessário, mas não cultivada em si mesma. Nas múltiplas oportunidades e polémicas em que Sérgio usou e defendeu os seus pontos de vista filosóficos, ficou suficientemente caracterizado o seu racionalismo idealista ou “idealismo crítico” de raízes kantianas. Sem particulares interpretações ou críticas da filosofia de Kant, as referências ao autor e os indícios do conhecimento da sua filosofia são frequentes na sua extensa e polifacetada obra. Sem pretender fazer obra de filósofo, mas sem deixar de dar expressão a uma coerente estrutura filosófica dos seus ensaios, António Sérgio deixa claro, pelo menos numa passagem de um seu escrito,⁴⁵ a relação explícita do seu “idealismo epistemológico, racional e crítico” com a *Analítica*

41 lb., p. 47.

42 Leonardo Coimbra - *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1962, p. 76.

43 lb., p. 84; cf. p. 77: “O kantismo é uma análise da ciência dominante, tomada como absoluto em sua essência, para procurar as condições implicadas no facto da sua existência.”

44 lb., p. 78.

Transcendental da Crítica da Razão Pura, que ele classifica como “verdadeira madre do idealismo crítico”. Refere-se em seguida à distinção, importante para António Sérgio, entre *kantismo ideal* e *kantismo real*, a exemplo de semelhante distinção entre *cartesianismo ideal* e *cartesianismo real*, objecto de uma sua conhecida palestra.⁴⁶ O que mais lhe interessava era o que chamava de *kantismo ideal*, neste caso o kantismo que começasse pela *Analítica*, não necessariamente o kantismo da história das ideias, do sistema transcendental, mas antes a perspectiva do kantismo que lhe fornecia as asas ou a atitude do pensamento criador. E daí o seu criticismo, sem preocupações ou precauções de filiação fidedigna, sempre pronto e ágil no seu apostolado cívico e pedagógico, de larga projecção nos meios intelectuais dos três primeiros quartéis do séc. XX.

De modo progressivo e convergente, a *presença de Kant* no pensamento filosófico português vem-se afirmando como referência habitual e como exigência de rigor e de qualidade do pensar. A afirmação de uma reflexão filosófica consistente e credível, no contexto do ensino e na intervenção social, assim o exigiu.

Certamente que a avaliação crítica da actual situação social e cultural, com a proposta de modelos inovadores na (re)organização da sociedade e do saber, continuará a ter na obra de Kant a inspiração de audácia e de clareza revolucionária que celebramos e homenageamos com este Simpósio.

JOSÉ GAMA

45 António Sérgio - “Migalhas de Filosofia”, in idem - *Ensaio*. Vol. VII. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1974, pp. 188-190.

46 António Sérgio - *Cartesianismo ideal e cartesianismo real*. Lisboa: Seara Nova, 1937.